

## ENSINO FUNDAMENTAL (4º AO 6º ANO)

### PLANO 3: COMO NUM CONTO DE FADAS, DE EMILY RAMOS WENDT


#### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

##### 1. O momento de transição

Crianças entre 10 e 13 anos enfrentam grandes desafios nesse momento da vida. O período é como se fosse um pêndulo que oscila entre o simples "não sou mais criança" até o extremo "sou grande, um adolescente". E, em meio a essa transição biológica, ocorre uma confusão natural de sentimentos e de despertencimento – já não sou criança e ainda não sou adolescente, então sou o quê?

Apelidou-se cruelmente o período de "aborrecência", por conta das diversas atitudes tomadas por esses meninos e meninas no início da puberdade. É comum responsáveis e professores destacarem comportamentos confusos, causando irritações e aborrecimentos nas casas ou nas escolas. No entanto, é importante refletir que o momento da puberdade não pode ser negligenciado nem pelos responsáveis nem pela escola. É um período de transições e de primeiras experiências, que podem ser assustadoras se não forem discutidas e consideradas naturais - parte do amadurecimento de um ser humano. Há inúmeros processos psicológicos e biológicos da infância para a adolescência, além das transformações físicas - que essas crianças adolecendo precisam lidar.

Conforme os pesquisadores Mahan e Stump (2008), a maturação corporal ocorre em um determinado momento cronológico, contudo o desenvolvimento social e emocional é mais lento. Às vezes, observamos esses meninos e meninas oscilando entre brincar de bonecos e bonecas e ocupar-se com seus primeiros amores. As associações entre a aparência, as ações e a forma que agem, levam os adultos a pensarem que o adolescente não está agindo de acordo com a idade (MAHAN; STUMP, 2008), mas está. Essa confusão de emoções trata-se de uma manifestação de busca pela independência e senso de autonomia, que ocorrerão na vida adulta. Para Shaffer (2009), inúmeras vezes, as meninas e os meninos passam a se preocupar mais com a aparência pelo fato de estarem crescendo, engordando, desenvolvendo um novo modelo corporal, podendo até ter uma imagem negativa de si mesmos nesse período. Ainda que saudáveis, a preocupação com as mudanças pode levá-los a tentar esconder suas formas utilizando-se de má postura, roupas largas ou fazendo dietas inviáveis. Esconder os sentimentos de vergonha por essas mudanças também é uma frequente. Por essas razões, o papel do




professor em prover momentos de reflexão e de diálogo sobre a puberdade na sala de aula são essenciais. Também pela importância da abordagem desse tema nessa idade é que escolhemos as emoções como mote para nossas propostas de aulas.

## **2. Refletindo e falando sobre as emoções na sala de aula: o que a ciência fala sobre isso?**

As emoções, não apenas as dos adolescentes, mas as que todos nós sentimos, permeiam todas as nossas decisões ao longo da vida, pois elas estão diretamente ligadas à nossa memória, como afirmou o médico pesquisador Iván Izquierdo. Existe uma grande importância da emoção para a sobrevivência humana, principalmente em termos de memória. A teoria das valências (teoria que considera efeitos negativos ou positivos das emoções nas nossas memórias) mostra que eventos que envolvem a emoção são melhor lembrados do que aqueles chamados neutros (SQUIRE, KANDEL, 2003). Uma aula ou um professor memorável permanecerá nas lembranças dos alunos com mais facilidade do que um professor ou aula a quem eles tenham atribuído menor vínculo afetivo, seja ele positivo ou negativo. Isso acontece porque o fator afetivo acompanha os novos eventos determinados importantes para cada indivíduo, focalizando a atenção para eles e, conseqüentemente, melhorando a consolidação dessa aprendizagem (PÔRTO, 2006). Por exemplo, você lembra do seu primeiro professor ou professora? Da sua primeira escola? Do seu primeiro dia de aula? De um trabalho, prova ou boletim em que você atingiu a maior nota e pode se "exibir" para seus amigos, irmãos? Você lembra de algum momento escolar em que você ficou muito triste? Repetiu o ano? Tirou uma nota baixa na prova? Todos esses momentos foram primordiais para a nossa formação.

Segundo o Dr. Izquierdo (2002), o cérebro guarda bilhões de impressões, algumas fugazes, outras que perduram a vida inteira. É exatamente isso que chamamos de memória. É ela que forma a personalidade do ser humano. Afinal, memória é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações (IZQUIERDO, 2002). É uma parte importante da cognição que abrange o armazenamento e a recuperação de experiências. É por causa dela que se retém parte do que se aprende. Quanto mais contatos temos com um determinado tema, mais chances existem de que ele permaneça nas nossas lembranças. Um exemplo disso é o vocabulário. Na primeira vez que temos contato com uma palavra, pode ser que a esqueçamos no dia seguinte. Isso ocorre porque a conexão cerebral que se formou nesse primeiro contato ainda é muito frágil. É como se fosse uma ponte fraquinha. Uma série de processos químicos e elétricos ocorrem para que aprendamos a nova palavra, mas se não tivermos mais usos desse novo termo, nossa ponte - que já é frágil - vai desaparecendo. Por isso, todas as oportunidades que oferecemos aos alunos para o uso da língua e, em particular, de um novo vocabulário, são




fundamentais. A repetição, o uso em diferentes contextos, na leitura, na escrita, em diferentes gêneros textuais são tijolinhos que auxiliam a reforçar nossa ponte, isto é, nossa conexão cerebral de neurônio para neurônio. E, se formos mais longe, relacionarmos esse vocabulário novo com novas vivências, experiências antigas, a ponte que já está mais fortificada, pode virar um circuito viário imenso e rico de trajetos a serem seguidos. Nossa grande rede neuronal ou circuitaria cerebral é metaforicamente semelhante às múltiplas pontes que podemos possibilitar aos alunos. A qualidade das nossas pontes pode estar relacionada às nossas memórias emocionais.

Não existe uma única circuitaria cerebral que seja responsável pela formação, retenção e evocação das informações aprendidas. Existem várias redes neurais com milhões de interconexões que estão relacionadas aos processos de aprendizagem, como é o caso do que chamamos modulação das emoções. Lembra-se melhor e ou por mais tempo daquilo que possui uma valência afetiva maior, momentos trágicos ou muito felizes, por exemplo. Você lembra o que estava fazendo quando ocorreu o trágico ataque terrorista ao World Trade Center, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001? Muitas pessoas lembram com detalhes onde estavam, com quem estavam e o que estavam fazendo quando pararam para testemunhar esse triste episódio histórico. Ainda que não quiséssemos lembrar disso, consolidamos e temos certa facilidade de recuperar quando é solicitado.

A tristeza envolvida no episódio marcou nossa memória negativamente e não nos deixa esquecer-la. O mesmo ocorre com momentos de extrema felicidade como a formatura, o nascimento de um filho ou filha, uma festa de 15 anos, a aquisição do primeiro imóvel, a conquista do primeiro emprego. A aquisição das memórias corresponde à aprendizagem. Considera-se um evento tudo que for memorizável, como um objeto, um som, um acontecimento, um cheiro, um pensamento, uma emoção, uma sequência de movimentos (LENT, 2005).

Em tempos de pandemia, em que parte das nossas expressões faciais ficaram cobertas por máscaras, sorrimos com os olhos. E quem diria que seríamos capazes de reconhecer tantas emoções somente com o recurso dos olhos? O time de pesquisadores liderados por Breno Sanvicente-Vieira (2013) conseguiu. Eles fizeram uma versão adaptada para o português brasileiro do Teste de Leitura de Olhos, dos professores Baron-Cohen e colegas (2001). O teste oferece uma série de figuras de olhares de diferentes pessoas e pede que identifique que emoção está sendo passada por aquele olhar. Testes desse tipo ajudam pessoas a desenvolverem empatia, como é o caso de pessoas com síndromes e transtornos diversos. Para olhar a versão em português brasileiro, acesse: <https://www.autismresearchcentre.com/tests/eyes-test-adult/>.



É importante destacar também que nos comunicamos com o corpo todo, a denominada linguagem corporal. É interessante estarmos atentos à linguagem corporal de nossos alunos, especialmente nesta fase da vida. Qual linguagem corporal você observa nos alunos para declarar: motivação – desinteresse – irritação – dificuldade – nervosismo – medo - satisfação

Pensando na importância das emoções para a formação de boas memórias e na ampliação de vocabulário sobre o assunto para nossos alunos, e também em como essas emoções podem ser declaradas ao escrever ou ler um texto, apresentamos o material que segue. Elaboramos cinco propostas com atividades e leituras voltadas ao desenvolvimento do aluno no campo da leitura e escrita e que, ao mesmo tempo, se preocupam em explorar as percepções de mundo dessa faixa etária dos alunos.

## **HABILIDADES DA BNCC**

### **Registros da história: linguagens e culturas**

(EF05HI07) Identificar os processos de produção, hierarquização e difusão dos marcos de memória e discutir a presença e/ou a ausência de diferentes grupos que compõem a sociedade na nomeação desses marcos de memória.

### **Campo das práticas de estudo e pesquisa - Oralidade**

(EF35LP19) Recuperar as ideias principais em situações formais de escuta de exposições, apresentações e palestras.

### **Campo artístico-literário – Produção de textos (leitura compartilhada e autônoma)**

(EF35LP25) Criar narrativas ficcionais, com certa autonomia, utilizando detalhes descritivos, sequências de eventos e imagens apropriadas para sustentar o sentido do texto, e marcadores de tempo, espaço e de fala de personagens.

(EF35LP26) Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto.

### **Todos os campos de atuação – Análise linguística/semiótica**

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.

(EF06LP05) Identificar os efeitos de sentido dos modos verbais, considerando o gênero textual e a intenção comunicativa.

## **PREPARAÇÃO DO PROFESSOR**

Os sinais de pontuação são sempre importantes na comunicação escrita, pois, a partir destas pausas, avisa ao ouvinte ou ao leitor se está fazendo uma pergunta, se está zangado, se é um grito ou se é um esclarecimento. O objetivo das atividades que propomos é simples: auxiliar o aluno quanto ao uso correto dos sinais de pontuação na comunicação escrita.

Antes de aplicar as propostas, sugerimos que o professor organize os materiais e revise textos e demais conteúdos que serão vistos em sala de aula. Como muitas atividades são complementadas com vídeos e filmes, é importante separar um tempo prévio para assistir ao conteúdo – se não for possível assistir em aula, pode-se sugerir uma atividade extraclasse.

## **CRIANDO LEITORES**

Esta proposta tem como objetivo proporcionar aos alunos a reflexão sobre seu conhecimento de mundo, suas vivências e expressão de sentimentos e sensações, através da contemplação, conversas, leitura e elaboração textual.

### **1. Antes da leitura**

*Reflexão instigada pela vocalização do poema Guardar (Antônio Cícero) por Fernanda Montenegro:*

Antes de exibir a vocalização do poema, o (a) professor(a) fará uma breve apresentação de Antônio Cícero Correia Lima, poeta, filósofo, escritor, crítico literário e membro da Academia Brasileira de Letras, autor do poema *Guardar*, e apresentará também Fernanda Montenegro, atriz e escritora brasileira.

O professor poderá iniciar uma conversa com os alunos, perguntando o que significa guardar, o que cada um guarda e como guarda. O importante é promover uma reflexão e deixar todos bem à vontade para compartilharem suas memórias.

### **Vocalização do poema Guardar:**

<https://www.youtube.com/watch?v=G1ZpEjMqfLs&t=3s>

### **2. Durante a leitura**

O texto escolhido é do gênero memória literária, finalista da Olimpíada de Língua Portuguesa do ano de 2019. É interessante que o professor explique aos alunos que a Olimpíada

mobiliza escolas de todo o Brasil e que em 2019 foram 42 mil escolas participantes. Primeiramente, os textos são selecionados na escola e, depois, nas etapas municipal e estadual. O texto a ser lido é semifinalista, portanto, após essa publicação houve a etapa seguinte: a nacional, na qual foram selecionados os vencedores.

*Como num conto de fadas* baseou-se em uma entrevista que a aluna Emilly fez com Ruth da Silveira Ramos, 75 anos. Essa entrevista foi transfigurada para um texto do gênero memória literária, no qual, através da escrita de Emily, a entrevistada ganhou a voz da protagonista. Você pode conhecer todos os semifinalistas no link <https://www.escrevendoofuturo.org.br/arquivos/9161/textos-finalistas-2019.pdf>


## **Anexo I – Como num conto de fadas, de Emily Ramos Wendt**

### **3. Após a leitura**

*Analise o vocabulário do texto:*

Significado de termos desconhecidos, sentido no texto. É possível ainda trabalhar o tempo verbal e a classe gramatical.


- Cite nomes e expressões são típicos da época a qual se faz referência no texto: “Pau a pique”, “chuveiro de campanha”, “Conga”, “engenho”.
- Cite exemplos de expressões em primeira pessoa usadas pelo narrador: “Eu, sentada...”, “a minha história de vida”, “nasci e cresci”, minha casa”, “minhas memórias”, “meu sonho”.
- Cite verbos no pretérito empregados no texto para falar de fatos passados: Alguns verbos: foi, reencontrou, possuía, encantava, era, eram, contávamos, chamávamos, deixaram, pertencia, íamos, estávamos, serviam, tinha, tive, tornou, fazíamos, cuidavam, acordávamos e etc.
- Cite verbos do texto que remetem à ideia de rememoração: lembrar, reencontrar, lembrar, (não) esquecer.
- Cite expressões que ajudam a localizar o leitor na época e no espaço narrados: “Nasci e cresci no interior de Rio Pardo”, a velha Santa Vitória”, “uma pequena ponte de pau a pique servia de travessia sobre o rio Jacuí”.
- Direcione a atenção dos alunos para o fato de o pretérito imperfeito aparecer comumente na descrição de cenários, personagens, rotinas, como por exemplo: “A velha Santa Vitória possuía uma única rua...”, “Me encantava com a grama”, “Acordávamos cedinho...” e que o pretérito perfeito é usado para demarcar na narrativa um determinado fato do passado



fazendo uma espécie de corte: “Passados alguns anos, já na adolescência, aos 14 anos de idade, encontrei o amor da minha vida.

Através de uma conversa com a turma será possível listar as características do gênero memória literária. Abaixo, que poderá ser registrada no quadro e copiada no caderno à medida que as respostas surgirem. Apresentamos um breve guia de perguntas e respostas para essa conversa:

- O que é uma memória? Explicar que remete ao que está guardado na lembrança de cada pessoa e que menciona os acontecimentos mais relevantes e as emoções suscitadas por eles.
- Quais imagens mentais o texto evoca? Entre outras imagens evocadas, há a imagem de uma senhora sentada em uma cadeira de balanço segurando um álbum de fotografias: “Velha Santa Vitória com a estrada única e esburacada, a casa da entrevistada, a casa do engenho; a ida para a escola; a entrevistada e seu príncipe ao pé da figueira em frente à casa de engenho”. É interessante que o professor instigue os alunos a trazerem outras imagens narradas no texto.
- Quais experiências de vida da entrevistada são rememoradas? A infância, a mocidade e a vida adulta na localidade de Santa Vitória (sonhos, rotinas, frustrações, encontros e desencontros).
- De que forma está presente a linguagem literária? As principais manifestações da linguagem literária acontecem no título, que faz referência aos contos de fadas e no primeiro parágrafo, pois compara a vida da protagonista com um conto fantástico. Mais adiante o trecho “em cada página, meus **olhos** marejados **relembra**m toda uma trajetória”, personificam os olhos, atribuindo-lhes a ação de lembrar. O sentido figurado/conotativo de “o passado se reencontrar com o presente” é uma forma poética de transfigurar o verbo lembrar. No último parágrafo não fica evidente se o final é uma idealização da protagonista ou se o reencontro realmente aconteceu. É importante que o professor incentive a turma a buscar essas manifestações e complemente à medida que as falas acontecem.
- O que é contado é a realidade exata ou a literatura permite criar? Deixe claro para seus alunos que a literatura possibilita a criação e explique brevemente para eles que o ato de




narrar a sua própria história para alguém não é a sequência dos fatos em si. O mundo e o que se sucede nele repercute em cada pessoa de forma particular. Portanto, ao responder à entrevista a entrevistada já está apresentando uma versão dos fatos e não os fatos propriamente ditos.

- A memória narrada pode ser do autor ou de outra pessoa? Primeiramente, ouça o que a turma tem a dizer sobre a relação autor, narrador e personagem. Em seguida, explique que o texto lido, por exemplo, foi escrito por uma aluna de uma escola de educação básica com o auxílio de sua professora de língua portuguesa, baseando-se em entrevista concedida por Sra. Ruth. Tem-se, então, arbitrariedade para narrar acontecimentos da sua própria vida, basear-se na vida de outra pessoa ou até dar vida a um eu imaginário ou mesclado ao imaginário.
- Memórias literárias narram sempre o que ocorreu no passado? Sim, esses textos situam o leitor em determinada época do passado e narram estabelecendo comparações e relações entre passado e presente, num jogo de “agora” e “ontem”. O protagonista (o eu do texto) olha para dentro de si para recuperar as memórias e observar a si mesmo, suas reações diante do fato, diante da lembrança aflorada;
- A história de cada indivíduo traz em si a memória do grupo social ao qual pertence (fatos positivos e negativos). Quais elementos do texto comprovam isso? Veja quais elementos serão observados pelos alunos. Alguns elementos presentes na vida da protagonista e comuns à sociedade na época são: os retratos preto e branco, a antiga estrada com buracos, a ponte de pau a pique sobre o Rio Jacuí, casa de taipa e madeira com chão de terra batida, a nomenclatura Cravos-de-amor para as flores atualmente chamadas de Mosquitinhos, luzes de lampião (não havia energia elétrica), “chuveiro de campanha”, conga (tênis da época), sacos de estopa costurados a mão, evasão escolar aos 12 anos de idade (não obrigatoriedade da permanência escolar da criança), trabalho irregular, todos sentados à mesa para as refeições, lavar roupas na lagoa, pão caseiro, a forma como se davam muitos casamentos.

**Atividade extra:** produção textual do gênero memória literária, podendo ser baseada em suas próprias vivências ou nas vivências de um entrevistado. Os textos dos alunos da turma poderão compor uma revista digital, um PDF ou Ebook a ser compartilhada.

O vídeo sugerido traz a canção *Era uma vez*, na voz de Kell Smith, compositora e cantora brasileira. O vídeo poderá ser utilizado como suporte para o estudo do gênero memórias





literárias em sala de aula, pois traz à baila o tema saudade da infância, experiência já sentida pelos adultos pelo menos uma vez na vida.

**Era uma vez, de Kell Smith:**

**<https://www.youtube.com/watch?v=xJNKT9HAXRc>**

### **PARA SABER MAIS**

#### *Referências:*

- IZQUIERDO, I. **Memória**. Artmed: Porto Alegre, 2002.
- LENT, R. **Cem bilhões de neurônios: conceitos fundamentais de neurociência**. São Paulo: Editora Atheneu, 2005.
- MAHAN, L. K; STUMP, S. E. **Alimentos, Nutrição e Dietoterapia**. 12 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.
- PÔRTO, W.G. **Emoção e memória**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Breno Sanvicente-Vieira; Bruno Kluwe-Schiavon; Luis Eduardo Wearick-Silva; Giovanna Lopes Piccoli; Lilian Scherer; Hélio Anderson Tonelli; Rodrigo Grassi-Oliveira. Revised Reading the Mind in the Eyes Test (RMET) - Brazilian version. **Rev. Bras. Psiquiatr.** **36 (1)**, Jan-Mar 2014. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2013-1162>
- SQUIRE, L.R; KANDEL, E.R. **Memória: Da mente às moléculas**. Trad. Carla Dalmaaz e Jorge A. Quillfeldt – Porto Alegre: Artmed, 2003.
- SHAFFER, D. R. **Psicologia do desenvolvimento: Infância e Adolescência**. 6ª ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.



## ANEXO I:

### Como num conto de fadas, de Emily Ramos Wendt

Eu, sentada em minha cadeira de balanço, relembro minha história com os poucos retratos em preto e branco, dispostos em um álbum amarelado, com mais de cinquenta anos de existência. Sabe aqueles contos fantásticos, em que poucos acreditam, mas muitos se emocionam... A minha história de vida é assim! Em cada página, meus olhos marejados relembram toda uma trajetória!


Nasci e cresci no interior de Rio Pardo, numa localidade simples e humilde, chamada de Santa Vitória. Ah, quanta saudade! Foi exatamente neste lugar que meu passado se reencontrou com o presente.

A velha Santa Vitória possuía uma única rua, cheia de curvas, buracos, pedras e uma pequena ponte de pau a pique que servia de travessia sobre o rio Jacuí. Me encantava com a grama coberta de flores do campo, naquela época chamadas de Cravos-de-amor, hoje conhecidas como Mosquitinhos. Ainda lembro-me de minha casa, que era feita de taipa e madeira, com chão de terra batida. As luzes eram os lampiões que existiam naquela época.

Para tomar o banho, contávamos com as bacias e, em dias quentes, podíamos utilizar o “chuveiro de campanha”, uma espécie de balde de metal com uma mangueira na ponta. Luz elétrica só existia na casa do engenho, que chamávamos de castelo, pela sua beleza e encantamento. Minhas memórias nunca me deixaram esquecer desse lugar encantador.

O nosso único meio de transporte eram as caronas no trator que pertencia ao senhor do engenho. Às vezes, precisávamos caminhar quilômetros a pé com o meu único par de Conga, tênis daquela época, pisando em muito barro, nos campos afora, para, assim, chegar mais rápido ao centro da cidade, onde íamos estudar na escola das freiras, que, hoje em dia, recebe o nome de Escola Romana. Ao retornar, lá estava eu, pronta para costurar os sacos de estopa que serviam para armazenar o arroz produzido pelo Engenho Santa Vitória. Ao final dessa tarefa, ainda tinha a lida doméstica em casa.

Meu sonho sempre foi estudar para ser professora e, se bem me lembro, tive que parar meus estudos muito cedo, aos 12 anos de idade, pois meus pais não tinham o suficiente para o sustento da família; o que tornou uma obrigação para mim, o trabalho irregular no engenho. A lida dentro de casa era dividida entre eu e minhas irmãs; fazíamos comida e lavávamos as roupas na lagoa que havia perto de casa. Os meninos cuidavam dos animais e da lavoura.



Acordávamos cedinho, todos sentados à mesa, com aquele aroma do café da manhã, acompanhado de um pão caseiro. Hábitos que demonstravam a união da família e que, nos dias de hoje, não são valorizados.

Passados alguns anos, já na adolescência, aos 14 anos de idade, encontrei o amor de minha vida. Foi em uma festa de aniversário de meu bisavô. Lá estava aquele menino franzino, chamado Doraci, com um olhar tão puro e doce que me encantei. Nesse momento, eu, muito desinibida, o chamei para conversar na rodinha em que estávamos eu e meus irmãos. Foi um dia eternizado em meus pensamentos, porque a partir desse encontro, passamos a trocar cartas que falavam de nosso amor. Nós estávamos completamente apaixonados e meu príncipe encantado voltou à cidade, alguns meses depois, para me visitar. Foi ao pé de uma frondosa figueira, localizada em frente à casa que eu chamava de castelo, que juramos amor eterno. Mas o destino, naquele momento, foi cruel, minha mãe o mandou embora, dizendo que eu já era compromissada com um rapaz de outra família.

O tempo passou, casei aos 23 anos, com o pretendente escolhido por meu pai e lá se foram 25 anos de matrimônio e de uma vida triste e amargurada. História essa que não me traz boas recordações, mas que me trouxe duas lindas filhas que fazem com que eu não tenha arrependimentos.

Não moro mais em Santa Vitória. Deixei para trás parte da família e vim para o centro da cidade, onde resido até hoje.

Minha história, ao folhear a última página do álbum de família, não termina assim... Tenho que atualizá-lo com a fase mais linda do meu viver! Passados 61 anos, acabo de reencontrar meu príncipe encantado! Eu e ele, no mesmo castelo de meus sonhos e, ao pé da figueira, prometemos que juntos e felizes ficaremos para sempre, como num conto de fadas!

\*Texto baseado na entrevista realizada com Ruth da Silveira Ramos, de 75 anos.

\*Professora Patrícia Ramos Figueiró - EEEF Professor Affonso Pedro Rabuske, Santa Cruz do Sul-RS.